Língua Latina e Português Erudito

Antônio Pessoa Pereira

1 INTRODUÇÃO

Longe de mim chegar ao exagero de afirmar, com o grande escritor português João Batista da Silva Leitão de ALMEIDA GARRETT, que "é tão impossível escrever bem em português, em castelhano, em inglês, em qualquer das línguas do ocidente da Europa, sem saber grego, e principalmente latim".(1)

Corroborando, no entanto, o pensamento do autor, chega-se, infelizmente, à conclusão de que, nos dias atuais, a sua afirmação, pelo menos no que diz respeito ao conhecimento da língua latina e comunicadores de um modo geral, é pertinente, e está a merecer especial atenção.

Isto porque, para muitos que não freqüentaram o antigo curso ginasial e o subseqüente 1º ano científico onde eram satisfatórias as noções de língua e cultura e suficientes as doses de gramática histórica portuguesa, falar-se em latim, perante eles, soa quase como falar-se em chinês ou em algum dialeto coreano.

Há um segundo grupo de pessoas, e estas são os nossos atuais alunos dos cursos de letras, aos quais, ingressando no curso como autênticas tábulas rasas, se ministram, a partir do zero, uns magros quatro semestres de língua latina. Assim sendo, mesmo com bastante boa vontade, e esta talvez atinja uns 20% dos que se encaminham ao magistério de língua portuguesa, muito pouco se assimila de língua e cultura latina.

E, daí... "nemo dat quod non habet"... = ninguém dá o que não possui... é o velho aforismo jurídico.

Qual o seu amor por essa língua desconhecida?

Que entuaisasmo poderá ter esse jovem em estabelecer uma ponte entre o latim e a língua portuguesa?

Será que ele percebe o belíssimo parentesco entre as duas línguas? Terá ele discernimento suficiente para, ao menos, vislumbrar certas transformações fonéticas entre a língua-mãe e o

português atual? Estará ele capacitado a detectar a extraordinária riqueza vocabular transferida tal e qual do latim para o português? E, além disso, estará ele apto para estabelecer similaridade morfossintática entre os dois idiomas?

2 DESENVOLVIMENTO

Srs. Acadêmicos,

Deixo de lado todo este insistente questionamento.

Meu propósito, porém, é outro, e, por isto, preferindo pedir ajuda a Virgílio, o Cisne de Mântua, com quem, na juventude, dividi meu tempo de apaixonado cultor da língua latina, direi com ele, dirigindo-nos às Sicelides Musae: paulo majora canamus = mussas sicilianas, cantemos coisas um pouco mais elevadas.

Com efeito, a minha palestra pretende fazer um apelo não apenas em favor da "última flor do Lácio inculta e bela..." (2) mas mostrar ou demonstrar que "quando Vênus, a deusa protetora dos lusitanos, a considerava, supunha ver nela, um pouco alterado, o próprio latim", conforme palavras de Luís Vaz de Camões, poeta maior, na estrofe 33 do Canto I de "Os Lusíadas", in verbis:

... "E na língua, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a latina".

Aliás, a propósito dos dois últimos versos da estrofe, o Sr. Francisco de Sales Lencastre, um dos grandes comentaristas de "Os Lusíadas", diz o seguinte: "A língua portuguesa é muito próxima da latina, porque deriva dela em todos os pontos essenciais da sua gramática e na maior parte do seu vocabulário; têm-se escrito versos que são ao mesmo tempo latinos e portugueses.

Realmente, há um grande latinista e vernaculista brasileiro, o Dr. Castro Lopes, que, para mostrar a consangüinidade da língua latina, nos delicia com o belíssimo "despertar da manhã", AVE AURORA! Cuja leitura lúdica em qualquer das duas línguas é motivo de inexprimível gáudio literário para quem se deslumbra com as benesses da encantadora Polímnis, a musa da poesia lírica. Ouçamo-lo:

AVE, AURORA!

Salve, aurora eia, refulge!
Eia, anima valles, montes!
Hymnos canta, o Philomela,
Hymnos jocundos, insontes!

Quam pura, quam pudibunda
Es tu, aurora formosa!
Diffunde odores suaves,
Divina, purpurea rosa!

Eia, surge, vivifica
Pendentes ramos, aurora!
Aureos fulgores emitte,
Pallidas messes colora!

Matutina aura, mitiga
Solares nimios ardores;
Inspira gratos Favonios,
Euros, Zephyros protectores.

Ecoa, Tithonia Diva,
Fecundos campos decora,
Canoras aves excita,
O serena, bella aurora!

Protege placidos somnos,
Inquietas mentes tempera,
Duras procellas dissipa,
Terras, flores refrigera!

Extingue umbrosos vapores,
O sol, o divina flama!
Lucidas portas expande,
Tristes animos inflama!

Salve, aurora! eia, refulge!
Eia, anima valles, montes!
Hymnos canta, o Philomela,
Hymnos jucundos, insontes!

Vimos, pois, que se trata de um poema em linguagem erudita, composto numa perfeita simbiose de dois idiomas.

Diz-nos o Prof. Sousa da Silveira, em seu precioso livro: "Lições de Português", que "as palavras latinas... recebidas pelo ouvido, rolavam de boca em boca, no largo período em que não se falava o romance". Elas constituíam o vocabulário popular. Mas, com o progresso da civilização, tendo-se tornado insuficientes para a cabal expressão do pensamento, e para acudir-lhes as falhas, os literatos recorreram diretamente ao dicionário latino, procurando os termos requeridos pela necessidade, ou que lhes pareciam convenientes à beleza e propriedade da expressão". "Estes vocábulos", continua o ilustre mestre, "hauridos em documento escrito, introduziam-se pela vista, e conservavam-se tais e quais ou sofriam leve modificação na parte final para revestirem aspecto português. Tais vocábulos se denominavam literários ou eruditos". (3)

Nesta palestra, quero restringir-me, quanto a formação do vocabulário português, apenas aos de formação erudita provindos diretamente da língua latina e, com isto, ousaria insistir junto aos professores de língua portuguesa que, em suas aulas, dessem maior enfoque a este aspecto cultural da língua, já que o latim, como matéria curricular, foi impiedosamente alijado do curriculum escolar brasileiro.

Para este meu desiderato, valho-me da ajuda de bons gramáticos brasileiros, procurando, com eles, demonstrar, em alguns tópicos gramaticais, a genealogia de infindas palavras, revestidas de autêntica roupagem latina, às vezes, "com pouca corrupção", no dizer do poeta, ou "feitas em idênticos moldes latinos", como diz o Prof. Celso Cunha. (5)

Embora receando tornar-me prolixo, não me posso furtar ao desejo de trazer em meu auxílio o grande Mário Barreto quando sentencia: "Não pode dizer que sabe português quem não aprendeu pelo menos dois dedos de latim, língua-mãe, e umas migalhas das línguas irmãs".

Para nós, os dois latins, o clássico e o evolutivo, amparam igualmente o português. O que não sabe latim carece de meios de compreender as relações que guardam as palavras portuguesas entre si, as palavras populares e as palavras doutas, visto que a formação da língua popular foi governada por leis diversas das que presidiram a formação da língua literária.

Como é que um espírito de todo estranho ao latim pode ver, de outra maneira que não seja por uma associação instável, que petrificar se relaciona com pedra, alterar com outro, lácteo com leite, capilar com cabelo, eclesiástico com igreja, maternal com mãe, ocular com olho?

A língua assim vista sem latim é vista por fora; e por isso é que o latim serve de caminho muito reto e muito breve para o estudo do português.

Dando início ao presente estudo, começarei apresentando alguns substantivos cujos diminutivos se revestem de formação estrutural nitidamente latina. São os chamados:

1 Diminutivos eruditos

"Na língua literária e culta", diz o Prof. Celso Cunha, especialmente na terminação científica, aparecem formações modeladas no latim em que entram sufixos -ulo (-ula) e -culo (-cula), com as variantes -áculo (-ácula), -iculo (-icula), -úsculo (úscula) e únculo (úncula):

corpo	corpúsculo	nota	nótula
febre	febrícula	obra	opúsculo
globo	glóbulo	parte	partícula
gota	gotícula	pele	película
grão	grânulo	questão	questiúncula
homem	homúnculo	raiz	radícula
modo	módulo	rei	régulo
monte	montículo	verme	vermículo
nó	nódulo	verso	versículo

2 Compostos eruditos

"A nomenclatura científica, técnica e literária", são palavras ainda do Prof. Celso Cunha, "é fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, que consistia em associar dois termos, o primeiro dos quais servia como determinante do segundo".

Dentre outros, funcionam como primeiro elemento da composição dos seguintes radicais latinos, de regras terminados em -i:

agri	ager, agri	campo	agricultura
ambi-	ambo	ambos	ambidestro
arbori-	arbor, -oris	árvore	arborícula
avi-	avis, -is	ave	avifauna
bis-	bis	duas vezes	bisavô
bi-	bis	duas vezes	bípede
calori-	calor, -oris	calor	calorífero
cruci-	crux, -ucis	cruz	crucifixo
curvi-	curvus, a um	curvo	curvilíneo
equi-	aeguus, a, um	igual	eqüilátero
ferri-	ferrum, -i	ferro	ferrífero
ferro-	ferrum, -i	ferro	ferrovia
igni-	ignis, -is,	fogo	ignívomo
loco-	locus, -i	lugar	locomotiva
morti-	mors, mortis	morte	mortífero
multi-	multus, a, um	muito	multiforme
olei-	oleum, -i	azeite, óleo	oleígeno
oleo-	"	"	oleoduto
oni-	omnis, -e	todo	onipotente
pedi-	pes, pedis	pé	pedilúvio
pisci-	piscis, -is	peixe	piscicultor
pluri-	plus, pluris	muitos, vários	pluriforme
quadri-	quattuor	quatro	quadrimotor
quadru	quattuor	quatro	Quadrúpede
reti	rectus, a, um	reto	retilíneo
semi-	semi-	metade	semimorto
sesqui	sesqui-	um e meio	sesquicentenário

tri-	tres, tria	três	tricolor
uni-	unus,-a.,-um	um	uníssono
vermi-	verme	verme	vermífugo

Como segundo elemento da composição, empregam-se:

-cida	que mata	regicida, suicida
-cola	que cultiva, ou habita	vitícola, arborícola
-cultura	ato de cultivar	apicultura, piscicultura
-fero	que contém, ou produz	aurífero, flamífero
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	cuneiforme, uniforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gera	que contém, ou produz	armígero, belígero
-paro	que produz (= parir)	multíparo, ovíparo
-pede	pé	palmípede, velocípede
-sono	que soa	horríssono, uníssono
-vomo	que expele	fumívomo, ignívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro [5]

3 Adjetivos pátrios compostos

"Quando dizemos: a civilização portuguesa, referimo-nos apenas à civilização do povo de Portugal.

Se, porém, quisermos indicar a civilização que é comum ao povo português e ao povo brasileiro, dizemos a civilização luso-brasileira assumindo o primeiro elemento uma forma alatinada e reduzida.

Entre as formas alatinadas e reduzidas, que se empregam como primeiro elemento desses objetivos pátrios compostos, destaquemos os seguintes:

anglo (-inglês)	Amizade anglo-americana
austro (-austríaco)	Império austro-húngaro
euro (-europeu)	Relações euro-africanas

franco (-francês)	Falares franco-provençais
greco (-grego)	Antigüidade greco-romana
hispano (-hispânico, espanhol)	Povos hispano-americanos
indo (-indiano)	Línguas indo-européias
ítalo (-italiano)	Atlas ítalo-suíço
galaico (-galego)	Trova galaico-português
luso (-lusitano, português)	Glossário luso-asiático
nipo (japonês, nipônico)	Comércio nipo-brasileiro
sino (-chinês)	Guerra sino-japonesa
teuto (-teutônico, alemão)	Ginásio teuto-brasileiro (5)

Falando-se de adjetivos, é interessante recordar que, em 1939, mediante um tratado teuto-nipo-italiano, o "Eixo Tóquio-Roma-Berlim" pretendeu cominar o mundo.

Acontece que os aliados, graças à feroz ofensiva anglo-franco-sino-soviético-americana, conseguiram derrotá-lo e impor as condições de paz em maio de 1945.

Nesse ano, incrementou-se muito a amizade afro-canadense.

4 SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO

Quanto ao superlativo absoluto sintético, temos, em português, a forma coloquial (docíssimo) e a forma erudita (dulcíssimo).

Há certos superlativos que se empregam tanto na língua coloquial quanto na erudita (facílimo, dificílimo, paupérrimo) e outros que são de uso exclusivamente erudito ou semi-erudito (frigidíssimo, vg.).

Nesta palestra, coerente com o tema que me propus defender, restrinjo-me sobretudo aos superlativos de formação nitidamente latina.

4.1 Formação e emprego do superlativo absoluto sintético

Segundo Ismael de Lima Coutinho, em sua Gramática Histórica, página 269, 4ª edição, 1958, "exprime-se o superlativo sintético com os sufixos íssimo, limo e ritmo (lat. Issimu, limu e rimu acrescentados as tema do adjetivo".

4.1.1 **íssimo** – Este sufixo, que é o de uso mais generalizado na formação dos superlativos de língua latina e de seu continuador, por evolução natural, o português, é acrescentado em latim ao tema do genitivo singular masculino, depois de suprimidas as desinências i e is dos adjetivos de 2ª e 3ª declinação: sanctus, sanct+issimus = sanctissimus (santíssimo, em português); Levis lev+issimus = levissimus (levíssimo, em português).

Acontece que, em português, além dessa supressão ou truncamento, devemos atentar para o seguinte:

a) muitos adjetivos assumem uma forma e, por conseguinte, um tema declaradamente latino antes do sufixo **íssimo**, como é o caso de:

amargo	amaríssimo	magnífico	magnificentíssimo
amigo	amicíssimo	maléfico	maleficentíssimo
antigo	antiqüíssimo	malévolo	malevolentíssimo
benéfico	beneficentíssimo	miúdo	minutíssimo
benévolo	benevolentíssimo	nobre	nobilíssimo
cristão	cristianíssimo	pessoal	personalíssimo
cruel	crudelíssimo	pródigo	prodigalíssimo
doce	dulcíssimo	sábio	sapientíssimo
fiel	fidelíssimo	sagrado	sacratíssimo
frio	frigidíssimo	simples	simplicíssimo ou
geral	generalíssimo		simplíssimo
inimigo	inimicíssimo	soberbo	superbíssimo

b) Se o adjetivo português termina em **vel,** diz-se que se permuta o **vel** por **bil**. O que ocorre é que o adjetivo reassume mesmo a sua forma latina à qual se acrescenta o sufixo **íssimo** depois de suprimida a desinência **is** do genitivo singular masculino. Senão vejamos:

afável	afabilíssimo	notável	notabilíssimo
agradável	agradabilíssimo	novel	nobilíssimo
amável	amabilíssimo	provável	probabililíssimo
crível	credibilíssimo	sensível	sensibilíssimo

incrível	incredibilíssimo	terrível	terribilíssimo
indelével	indelebilíssimo	visível	visibilíssimo
móvel	mobilíssimo	volúvel	volubilíssimo

c) Com os adjetivos terminados em Z ocorre o mesmo fenômeno da substituição da palavra portuguesa pela correspondente palavra latina cujo tema do genitivo singular será acrescido do sufixo **íssimo** e, então, teremos:

atroz	atrocíssimo	dicaz	decacíssimo
belaz	belacíssimo	eficaz	eficacíssimo
capaz	capacíssimo	falaz	falacíssimo
feliz	felicíssimo	sagaz	sagacíssimo
feroz	ferocíssimo	tenaz	tenacíssimo
loquaz	loquacíssimo	vivaz	vivacíssimo
mendaz	mendacíssimo	voraz	voracíssimo
minaz	minacíssimo		

d) Os adjetivos terminados em vogal nasal (representados com ? gráfico) e os terminados no ditongo ao transformam estes símbolos respectivamente em: **-níssimo** e **–aníssimo**, que não são mais do que terminações de palavras latinas.

Exemplos:

bom	boníssimo	comum	comuníssimo
jovem	juveníssimo		
chão	chaníssimo	cristão	cristianíssimo
são	saníssimo	vão	vaníssimo

4.1.2 **Limo** – Este sufixo tem uso restrito a poucos adjetivos. Talvez, além dos já apontados na Gramática Latina de Puppo Ravizza: **facilis, difficilis, similis, dissimilis, gracilis** e **humils**, só nos seja possível acrescentar mais o **frágil**, o **dócil** e o **ágil**.

Vejamos, então:

ágil	agílimo	grácil	gracílimo
dócil	docílimo	semelhante	simílimo
fácil	facílimo	dessemelhante	dissimílimo

difícil	dificílimo	frágil	fragílimo
humilde	humílimo		

4.1.3 **Rimo** – A propósito da forma anormal magérrimo, o palestrante que lhes fala, na qualidade de Português para Você, (p. 158) de autoria do saudoso companheiro Itamar de Santiago Espíndola, quando abordou o sufixo RIMO, dizia o seguinte: "Chegamos, neste ponto, ao cerne do assunto que nos animou a estas divagações gramaticais.

O sufixo **rimo**, ao contrário dos dois anteriores cuja posição normal era, e é, a mesma da terminação **i** ou **is**, as quais ele substitui, juntava-se, e se junta, somente aos adjetivos latinos cujo nominativo apresenta a terminação **ER**. Daí os superlativos de **pulcher** = **pulcherrimus**, de **acer** = **acerrimus**, de **celeber** = **celeberrimus** e outros semelhentes.

Ora, se é esta a formação normal desse tipo de adjetivos, como nos ensina a gramática histórica, calcada na própria gramática latina, nada mais incongruente do que o emprego ou a admissão de forma como: **magérrimo, bacanérrimo, negérrimo** e até **infamérrimo**". E hoje eu acrescentaria mais o elegantérrimo, o chiquérrimo (Revista VEJA: anúncio "Para mulheres que sabem ser discretas e **chiquérrimas** ao mesmo tempo" p. 31, de 22/05/96) assim como, nos **outdoors** colocados em pontos estratégicos de Fortaleza, o violento atentado ao pudor lingüístico do anúncio de um **café** cujo marketing afirma que ele é **gostosérrimo**.

O certo, no caso, dizia eu: "em se tratando desse tipo de adjetivos terminados em vogal, é o emprego do comuníssimo e generalíssimo sufixo em **íssimo**, cuja força expressiva já é de si bastante forte".

E, daí, aconselhar-se os amantes de hipérboles a que se conformem, em seus arroubos fraseológicos, em usar apenas magríssimo, bacaníssimo, negríssimo e infamíssimo". E se convencerem, de uma vez por todas, de que não existe, nem em latim nem em português, sufixo **érrimo**. O que existe é a terminação de alguns adjetivos latinos em **ER** mais o sufixo **RIMO**. Nada mais.

Aliás, dada a carga melódica antieufônica dos referidos e malsonantes adjetivos, é possível que algum gentil-homem de

boa formação intelectual se sinta constrangido se se disser que ele estava **elegantérrimo** e que sua esposa apresentava-se **chiquérrima**.

Em razão de apresentarem, em latim, no nominativo masculino singular a terminação **ER**, podem e devem receber o sufixo **RIMO** em português apenas os adjetivos seguintes:

acre	(=acer)	acérrimo
áspero	(=asper)	aspérrimo
bonito	(=pulcher)	pulquérrimo
célebre	(=celeber)	celebérrimo
célere	(=celer)	celérrimo
íntegro	(=interger)	integérrimo
livre	(=liber)	libérrimo
magro	(=macer)	macérrimo
mísero	(=miser)	misérrimo
negro	(=niger)	nigérrimo
pobre	(=pauper)	paupérrimo
salubre	(=saluber)	salubérrimo

5 COMPARATIVOS SUPERLATIVOS IRREGULARES

Diz a gramática Latina de Puppo Ravizza o seguinte:

Os quatro adjetivos **bônus, malus, magnus** e **parvus** têm o compaartivo e o superlativo irregulares do seguinte modo:

POSITIVO	COMPARATIVO	SUPERLATIVO
Bonus (bom)	melhor melius (melhor)	optimus, a, um (ótimo)
Malus (mau)	pejor pejus (pior)	pessimus, a, um (péssimo)
Magnus (grande)	major majus (maior)	maximus, a, um (máximo)
Parvus (pequeno)	minor minus (menor)	minimus, a, um (mínimo)

Como se vê, é total a semelhança de sentido e de forma dos quatro adjetivos entre mãe e filha (latim e português).

6 PRONOME OBLÍQUO ÁTONO, SUJEITO DO INFINITIVO

O português, como parte deste extraordinário legado latino trazido até nós, além dos muitíssimos pontos de referência vocabular, apresenta-se, também, indissoluvelmente ligado à estrutura morfossintática do latim.

Comprovação disto é o aparecimento de certas construções que são, na verdade, puro latim. É o caso, por exemplo, de uma construção portuguesa idêntica a do acusativo com infinitivo em latim.

Nesta construção, em latim, o sujeito da oração subordinada substantiva objetiva direta com infinitivo vai para o acusativo. Assim sendo, o próprio pronome pessoal oblíquo átono, estando no acusativo em latim, é sujeito do infinitivo, e esta característica se reflete em idêntica construção em língua portuguesa.

Com os auxiliares causativos e/ou sensitivos: deixar, mandar, fazer, ver, ouvir, olhar, sentir e outros seguidos de infinitivo, aparecem orações subordinadas substantivas reduzidas que normalmente exercem função de objeto direto. E, então, se tivermos uma frase, por exemplo: jussi eum exire e formos traduzi-la por: "mandei ele sair" (em português vulgar) ou "mandei que ele saísse" (em boa linguagem coloquial) ou "mandei-o sair" (com oração reduzida, em português erudito), tanto o **ele** das duas primeiras orações quanto o **o** da última frase são sujeito do núcleo verbal **sair**.

O parentesco, portanto, quanto ao pronome oblíquo átono em latim (**eum**) e em português (**o**) é perfeito.

Quando se diz, no Evangelho: "sinite parvulos venire ad me" – "deixai os pequeninos vir a mim" e substituímos **parvulos** por **eos**, dizendo: "sinite **eos** venire ad me" = deixai-**os** vir a mim", se **parvulos** (no acusativo) é sujeito de **venire**, **eos** (em latim) e **os** (português) têm a mesma função sintática de **parvulos**, e são, portanto, sujeito do infinitivo.

Em outro passo, se dissermos: "não **nos** deixeis cair em tentação" e fizermos o desdobramento em: "não deixeis que **nós** caíamos em tentação", veremos que o **nós** da frase reduzida e o **nós** da oração desdobrada são plenamente equivalentes no que diz respeito à função sintática, isto é: **sujeito** em ambas as orações.

Poderíamos ir adiante:

Contentemo-nos, porém, como o admirável Rebelo da Silva, quando em a "Última corrida de touros em Salvaterra", (Contos e Lendas p. 17) ao dizer, pela boca de sua majestade: "deixai-o ir, ao velho fidalgo", não apenas empregou o pronome oblíquo **o** na qualidade de sujeito do infinitivo como se valeu ainda de um **a** como preposição enfática, realçando a vigorosa força estilística de exímio vernaculista português.

E, por último, valendo-nos da elegância de estilo de Machado de Assis, o qual, com a afirmação de que "Marcela deixara-se estar sentada"... e "Sofia deixou-se estar à janela", nos ensejou a que também insistamos na afirmação de que aquele **SE**, em construção erudita latina e portuguesa, é um belo e autêntico sujeito do infinitivo.

7 CONCLUSÃO

Mantendo-nos rigorosamente dentro do precioso legado da língua erudita, poderíamos, se não fosse apenas uma palestra, poderíamos, repito, nos embrenhar nos meandros dos prefixos, radicais latinos e cognatos, cotejá-los com seus inseparáveis correspondentes gregos e palmilhar o insinuante e encantado mundo da etimologia, que tanto identifica os que se dão ao ensino e cultivo desta "língua... dulcíssima e canora" (6)

> *"Que tem o tom e silvo da procela,*
> *E o arrolo da saudade e da ternura". (2)*

No entanto, rendendo-me à evidência da imperfeição humana e consciente de que o tempo urge, só me resta apelar para a síntese do prolóquio latino e concluir, dizendo:

> *Feci quod potui; faciant meliora potentes =*
> *Fiz o que pude; façam melhor os que o puderem.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Apud. BARRETO, Fausto e LAET. Carlos de Antologia nacional. 27. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1949. p. 181.
2. BILAC, Olavo. Poesia. Rio de Janeiro: Agir, 1968. p. 84. (Coleção nossos clássicos)
3. SOUSA DA SILVEIRA. Lições de português. 6. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1960.
4. BARRETO, Mário. Através do dicionário e da gramática. 3 ed. s.L.: Org. Simões, 1954. p. 260-261.
5. CUNHA, Celso. Gramática do português contemporâneo. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.
6. *ALBANO, José. Rimas. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1966. p. 203.*